

# O PERFIL DOS ESTUDANTES INGRESSANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA

## THE PROFILE OF STUDENTS ENTERING THE PEDAGOGY COURSE

## EL PERFIL DE LOS ESTUDIANTES QUE INGRESAN EN EL CURSO DE PEDAGOGIA

<sup>1\*</sup>Maria Mercedes Gómez Daboín

<sup>2\*\*</sup>Marinalva Lopes Ribeiro

**Resumo:** O presente estudo apresenta dados da pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UEFS), nível de Mestrado. O estudo objetivou conhecer o perfil dos estudantes ingressantes no curso de Pedagogia em 2018, em uma universidade pública do Estado da Bahia. A pesquisa foi de tipo quali-quantitativa, que usou como instrumento de coleta de dados um questionário de 13 itens sendo a análise voltada para uma interpretação mais profunda e subjetiva; o grupo pesquisado foi constituído por 37 estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia. Como resultados encontramos que as características demográficas dos participantes apontam uma faixa etária geral compreendida entre 16 e 33 anos, predominantemente feminino e solteiras. Em relação às características socioeconômicas, os resultados mostram que as estudantes são provenientes das classes desfavorecidas economicamente e com um acesso restrito aos bens culturais disponíveis pela sociedade. Assim, a função da universidade, em parceria com outros órgãos públicos, é oferecer bens culturais gratuitos a essa população, de modo a ampliar a cultura das futuras professoras, facilitar o acesso ao patrimônio cultural e nacional, a fim de que conquistem o direito de ler, de participar de diferenciadas manifestações artísticas, de escolher o que assistir e, sobretudo, ter direito a condições dignas de vida e desenvolver a sua consciência crítica, para transformarem a realidade, caso seja necessário.

**Palavras chaves:** Perfil, Estudantes Ingressantes, Curso de Pedagogia.

### 1. INTRODUÇÃO

No Brasil, passamos por um momento de grave crise na educação. Todavia, a crise, como explicita Hanna Arendt (1957), é uma oportunidade de reflexão, pois nos força ao regresso às próprias questões e à busca de respostas. Muitas vezes, colocamos a culpa nos outros: “a culpa é dos gestores das escolas”, “das professoras, dos alunos, das famílias”... Mas, ao tentar responder aos questionamentos que fazemos com rebates preconceituosas, do tipo: “o aluno não quer nada”, “as famílias estão desestruturadas”, não nos abrimos para a escuta das verdadeiras respostas. Ao que nos parece, não podemos polarizar ao buscarmos respostas para

<sup>1</sup>Mestrado em Educação (UEFS/BA) com bolsa CNPQ, Licenciatura em Educação (UCAB), Especialização em Psicologia Cognitiva (UCAB). Orcid:org/0000-0003-1117-4308. E-mail: mmgdabon@gmail.com

<sup>2</sup>Pós-Doutora em Educação (UNISINOS), Doutora em Educação (Université de Sherbrooke/Canadá), Doutora em Educação (UFBA), Licenciatura em Pedagogia (UFBA). Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação (UEFS/Ba) – ORCID: ORCID:org/0000-0002-9197-1341. E-mail: marinalva\_biodanza@hotmail.com

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.312-326, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6765.

tal problema. Apontamos, aqui, algumas pistas para a compreensão do porquê, a cada dia, no Brasil, a crise da educação se agudiza.

Desde o século passado Arendt (1957) já afirmava que a crise na educação é um problema político. Dizia que não se tem dado à educação a atenção que ela merece. E que os esforços das autoridades têm sido em vão, porque a crise não é um problema local. Sendo assim, haveremos de supor que não ocorre apenas no Brasil, mas se trata de um problema em escala mundial, que pode acontecer aqui, mas também em outro lugar.

No caso brasileiro, vimos observando um gradativo desmonte da educação. Como analisa Gadelha (2017), houve um acentuado decréscimo dos investimentos em educação a partir de 2016; uma estagnação, desde 2011, dos índices de desenvolvimento da educação básica (IDEB); além de um número significativo de abandono da escola por parte de jovens entre 20 e 25 anos; a comprovada dificuldade de leitura e de contar por parte de grande número dos que concluem o Ensino Fundamental.

Aqui, a educação de massas tem sido um privilégio alcançado depois de muita luta das camadas populares, embora não se consiga a permanência dos alunos, principalmente adolescentes, na escola, por muito tempo, como mostramos anteriormente. Alguns, depois de insistirem em aprender sem sucesso, se rendem ao fracasso, levando consigo uma baixa autoestima, por acreditarem que são menos inteligentes, em suas palavras, que são burros. E seguem para a delinquência ou para trabalhos informais, tendo em vista que, na condição de alfabetizados funcionais, não conseguem um emprego digno, com carteira assinada, que lhes permita ascenderem profissionalmente e melhorarem suas condições de vida.

O atual contexto exige uma ampla reforma do sistema educacional, incluindo políticas de formação inicial e continuada e de valorização da carreira do magistério, tendo em vista o seu baixo *status* social e de remuneração. Para se ter uma ideia do piso salarial desse profissional, vejamos o que nos mostra Gadelha (2017, p. 171):

Para o ano de 2017, o MEC sancionou irrisório aumento do atual piso salarial dos professores a partir de março 2017, concedendo reajuste de 7,64% apenas, abaixo do índice anual da inflação do período. Em decorrência, o piso salarial pago ao professor de ensino básico passou de R\$ 2.113,64 para R\$ 2.298,80 apenas! Eis o valor da Educação no Brasil e o que recebem seus heroicos professores.

Nessa mesma esteira de raciocínio, o atual diretor de educação da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Andreas Schleicher, na ocasião da aprovação da nova Base Nacional Comum Curricular, deixou evidente que o Brasil precisa investir mais em recursos financeiros, cuidar da formação inicial e continuada dos professores,

garantir a colaboração e a autonomia docente, de modo a tornar a carreira do magistério mais atraente (OLIVEIRA, 2018), tendo em vista que o professor é muito importante para a sociedade do conhecimento, mesmo no momento em que o uso da Internet está ampliado e muitas pessoas têm acesso às informações por meio de tais recursos, como mostra a literatura da área educacional (TARDIF, 2011; ABRUCIO, 2016; SANZ; SANCHEZ, 2010.)

Para se ter uma ideia de tal valor, os docentes ocupam o 3º lugar no subconjunto de ocupações, além de se constituir a ocupação de maior nível de escolaridade no Brasil. Gatti; Barreto (2009) mostram que 83% dos empregos dos professores são públicos e que 77% dos postos são ocupados por mulheres. Na pesquisa de Gatti; Barreto (2009) 65,1% respondentes disseram escolher a Licenciatura em Pedagogia, “por que quero ser professor”, o que comprova que ainda é uma profissão eleita no Brasil, apesar dos baixos salários, das precárias situações de trabalho e do desprestígio da profissão em nosso país.

Vale destacar que os professores têm o papel de mediar o conhecimento. Possibilitam, como diz Freire (1982, p. 23), ajudar aos alunos na percepção crítica da cultura “pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo”, o que exige do professor realizar a sua prática pedagógica voltada ao atendimento das realidades dos alunos (NÓVOA, 2003).

Nesta esfera de raciocínio, destacamos que o papel do educador na sociedade é muito importante, porque é o profissional encarregado de formar as novas gerações que terão a responsabilidade pelo desenvolvimento econômico, social e cultural do país. A esse respeito, Gatti e Barreto (2009, p. 15) afirmam que: Além da importância econômica, o trabalho dos professores também tem papel central do ponto de vista político e cultural. O ensino escolar há mais de dois séculos constitui a forma dominante de socialização e de formação nas sociedades modernas e continua se expandindo.

A importância do professor para a melhoria do sistema educacional, em todos os seus níveis e modalidades, é um fato geralmente reconhecido teoricamente por todos os líderes e setores da sociedade, embora não existam políticas efetivas que estimulem o fortalecimento da formação docente, nem que incentivem os jovens para a escolha da carreira docente.

Por tais razões, a formação de professores no Curso de Pedagogia requer um tratamento especial, uma vez que os profissionais egressos serão responsáveis pela educação inicial das novas gerações, contribuindo para a formação de cidadãos de direitos em nossa sociedade. No entanto, podemos observar que a formação de professores tem sido tratada como um curso de nível superior de menor importância, sem considerar que a profissão de professor é cada dia

mais complexa, diante da diversidade das crianças e dos adolescentes que ingressam na escola, com suas culturas e necessidades especiais e formativas, incluindo a ética e a amorosidade, o que demanda desse profissional uma dedicação e um conhecimento cada vez maior.

Além da formação inicial, torna-se fundamental uma sólida formação continuada no local de trabalho, em que os professores possam aprender com os pares e em redes de autoformação, posto que a profissão exige um processo constante de formação reflexiva e transformação como defende, Pimenta, (2008, p. 31):

A formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação como contínua dos professores, no local de trabalho, em redes de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação. Isso porque trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade multimídia, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens, também eles em constante processo de transformação, entendida como ressignificação identitária dos professores.

A profissão de professor é socialmente reconhecida, realizada por profissionais específicos que, geralmente, possuem uma formação universitária ou equivalente, atuando em um espaço profissional relativamente bem protegido pela exigência de um credenciamento ou atestado. Esse trabalho deve ser realizado na escola ou em outra instituição não formal, que é um espaço relativamente organizado, estável e uniforme (TARDIF; LESSARD, 2005).

Mesmo diante disso, os professores passam por um processo de intensificação e precarização do trabalho, o que tem relação direta com o pouco investimento em educação ao qual nos reportamos anteriormente, incluindo a falta de manutenção de prédios e equipamentos, sobretudo diante do acréscimo significativo de matrículas no ensino público.

É nesse contexto que aumenta, também, os contratos temporários, inclusive com a grande participação de estudantes universitários dos semestres iniciais, que são “obrigados” a receberem salários abaixo do salário-mínimo, por parte dos governos municipais que não pagam os encargos sociais, incluindo o 13º salário. Vale acrescentar a sobrecarga de trabalho e o sofrimento psíquico de muitos profissionais a partir do crescimento das responsabilidades e das tarefas/atividades a eles atribuídas. Segundo Gentil e Valim (2014, p. 6):

No Brasil, o profissional docente, sobretudo da educação básica, dispõe de pouca autonomia, pois, ao exercer uma atividade que é mal remunerada pela sociedade, certamente está sujeito a limites que comprometem o seu bom desempenho e a sua própria vida. O estado de mal-estar docente é oriundo da intensificação, complexificação e diversificação das tarefas atribuídas ao professor. (GENTIL e VALIM, 2014, p. 6).

Em síntese, atualmente, o professor convive com um baixo salário, falta de reconhecimento, o aumento da violência no interior das escolas, além da precária infraestrutura das instituições escolares, a falta de material, as múltiplas funções que lhe são atribuídas, dentre outros fatores, o que tende a contribuir para que o professor seja um profissional insatisfeito com a sua profissão.

A remuneração representa um aspecto fundamental do perfil profissional do professor e demonstra, em alguma medida, a valorização profissional proporcional, ou seja, expõe a falta de reconhecimento econômico pelo trabalho desenvolvido pelo professor. Com efeito, Marques (2008, *apud* CARISSIMI; TROJAN, 2011, p. 61) afirmam que “[...] entende-se por remuneração o conjunto de prestações recebidas pelo empregado em razão da prestação de serviços, em dinheiro ou utilidades, proveniente dos empregadores ou de terceiros”. O valor da remuneração revela o nível de reconhecimento do serviço prestado. Neste sentido, a profissão docente sofre certo desprestígio, em relação às demais profissões. Corroborando esses aspectos, Tavares de Sá e Alves (2015, p. 5) afirmam que:

Demanda-se do professor atual que este solucione em sua sala de aula diversos problemas da contemporaneidade e, no entanto, não lhes são oferecidas as ferramentas, os recursos e nem a formação mínima necessários para tal exercício. A verdade é que condições de trabalho pelo Brasil afora são insalubres e a profissão docente está cada vez mais desvalorizada em nosso país, desencorajando, inclusive, qualquer estudante universitário de desejar para si.

O profissional da docência na atualidade, para atingir uma melhor remuneração que garanta o seu sustento e da sua família, tem que trabalhar jornadas duplas e até triplas, às vezes em várias instituições, o que afeta o seu desempenho profissional, pois faz com que ele não tenha tempo suficiente para a elaboração de um planejamento de sua prática docente, a fim de atender à realidade social, econômica e cultural de seus alunos.

O enfrentamento de novas funções e inúmeras responsabilidades, além do investimento afetivo, representa uma sobrecarga de trabalho que provoca o esgotamento e, conseqüentemente, a desmotivação. Por isso, torna-se compreensível que muitos professores se sintam desmotivados e pouco comprometidos com o seu fazer pedagógico.

Mas, diante de tal realidade, ainda é uma profissão bastante procurada, como podemos observar nos resultados do Processo Seletivo (Prosel) 2018.1 da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Quadro 1 – Recorte de dados do Processo Seletivo da UEFS

Curso	Vagas	Inscritos	Concorrência
-------	-------	-----------	--------------

Licenciatura. e Bacharelado em Filosofia	40	97	1,92
Licenciatura e Bacharelado em Geografia	40	120	3,00
Licenciatura em Letras com Francês	15	25	1,66
Licenciatura em Letras com Inglês	20	131	6,55
Licenciatura em Letras Vernáculas	40	146	3,65
Licenciatura em Letras: Português e Espanhol	20	59	2,95
Licenciatura em Química	30	79	2,63
Licenciatura e Bacharelado em Física	40	66	1,65
Licenciatura em Ciências Biológicas	26	165	6,34
Licenciatura em Educação Física	40	368	9,20
Licenciatura em História	40	245	6,12
Licenciatura em Matemática	40	117	2,92
Licenciatura em Pedagogia	40	301	7,52

**Fonte:** Adaptado pelos autores com base nos dados do Prosel, 2018

Como podemos observar no quadro anterior, dentre os cursos de licenciatura, o de Pedagogia obteve o segundo maior índice de concorrência (7,52), ficando abaixo apenas da Licenciatura em Educação Física (9,20), o que corrobora com a pesquisa de Gatti e Barreto (2009) comentada anteriormente.

Diante de tal contexto, nos questionamos: quem é o estudante que está cursando Pedagogia na atualidade? Qual o perfil de tais sujeitos? Por que escolheram a profissão de professor em um contexto de tanta desvalorização social e de sucateamento da profissão? Para responder tais indagações, realizamos uma pesquisa com estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia, em uma universidade pública da Bahia, no ano de 2018. Neste artigo, vamos nos ater apenas em responder à indagação sobre o perfil das futuras professoras em formação.

O texto está organizado em três sessões. A primeira, dedicada a explicitar a metodologia; a segunda, destinada à apresentação e análise dos resultados da pesquisa. Finalmente, a última, na qual tecemos as considerações finais.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho quali-quantitativa. O instrumento de coleta e produção de dados escolhido foi o um questionário com 13 itens para investigar sobre dados demográficos, socioeconômicos e culturais, com a finalidade de obter o perfil dos sujeitos da pesquisa. O preenchimento do questionário pelos estudantes iniciantes do Curso de Pedagogia em 2018.1, foi realizado no primeiro mês de aulas do Curso.

Na investigação realizada, contamos com a colaboração direta dos estudantes ingressantes, ou seja, do primeiro semestre acadêmico do Curso de Pedagogia de 2018, do turno matutino, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A participação dos sujeitos

da pesquisa foi de forma voluntária, feita após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, mediante o Parecer 3.026.670.

Para conhecer melhor o perfil dos estudantes ingressantes no Curso de Pedagogia, consideramos as seguintes aspectos: a) Características demográficas; b) Características Socioeconômicas; c) Características Culturais.

Para lograr uma melhor contextualização demográfica, consideramos importante os dados relativos a idade, sexo, estado civil, a fim de estabelecer uma faixa etária que ajude na caracterização de nossos estudantes. Para uma melhor aproximação com o conhecimento das condições socioeconômicas dos estudantes pesquisados, foram utilizados os seguintes indicadores: situação laboral, renda familiar, conformação do grupo familiar, distância entre a residência e a universidade, formação anterior. Finalmente, para caracterizar os estudantes ingressantes ao Curso de Pedagogia, coletamos informações relacionadas à leitura de livros, assistência ao cinema, acesso ao teatro, concertos ou exposições de arte e estudo e uso de língua estrangeira. Consideramos essas informações necessárias para a construção do perfil desses estudantes, futuros professores.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos relativos às características demográficas dos participantes de nossa pesquisa apontam que a faixa etária geral entre as estudantes e o estudante que colaboraram com a nossa investigação foi entre 16 e 33 anos de idade, divididos em 20 alunos com idade entre 16 e 20 anos, o que corresponde 54% da amostra; no segmento, de 21 a 25 anos, encontramos 7 estudantes, correspondendo a 19 % dos participantes. Assim, percebemos que 73 % dos estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia são jovens, entre 16 e 25 anos. É importante destacar que, entre os estudantes, nenhum supera os 33 anos.

Em relação ao sexo dos participantes da pesquisa, encontramos apenas um estudante do Curso de Pedagogia do sexo masculino, representando 3% do total, enquanto 36 são do sexo feminino, atingindo 97 % da mostra, dado que confirma a pesquisa de Gatti e Barreto (2009) sobre os professores do Brasil. Esses dados também comprovam os resultados do Censo Escolar 2017 do INEP, que apontou as professoras como maioria na educação básica, representando 80 % de todos os docentes. Além disso, o Censo da Educação Superior 2017 revelou que, nos cursos de licenciatura, 70,6 % dos matriculados correspondem ao sexo feminino.

Podemos observar que a feminização do magistério foi e continua sendo um fenômeno universal que inicia na possibilidade de se profissionalizar através do magistério primário. Para as mulheres, educar-se e instruir-se mais do que nunca significou uma forma de conquistar o espaço público. Compreendemos, a partir da apresentação de Oliveira em Congresso que atualmente as universidades estão ampliando o número de mulheres em seus espaços acadêmicos, tanto como alunas quanto como profissão feminizada. Assim, vemos uma nova análise da relação entre gênero feminino e profissão, na qual as mulheres podem exercer uma profissão com competência, compromisso social e político na sociedade atual.

Com a investigação, descobrimos que 30 dos estudantes pesquisados são solteiros – correspondendo a 81 % dos participantes –, 5 estudantes são casados – representam 14% – e 2 (ou seja, 5%) estão localizados na categoria “outros”, representando um participante que declarou morar com namorado e outro com companheiro. Podemos afirmar que a maioria dos estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia da UEFS é constituída de solteiros.

Os dados coletados evidenciam que a maioria dos participantes da pesquisa não trabalha, 27 deles apenas estudam, o que representa 73%, enquanto 10 deles trabalham, totalizando 27%, nas seguintes áreas: três em educação, cinco no comércio e dois em outras áreas (teleatendimento e beleza). Consideramos que o trabalho dos estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia está condicionado pela própria condição econômica e que as opções de trabalho são poucas para quem estuda no turno diurno, particularmente no matutino. O teleatendimento tem sido uma opção oferecida pelas empresas de *marketing* para sujeitos que dispõem do turno noturno para o trabalho, o que, evidentemente, pode prejudicar as suas horas dedicadas ao descanso e ao estudo.

O estudante que trabalha é uma realidade presente na Educação Superior no Brasil, pois trabalho e estudo não são excludentes. Esse fato se tornou mais comum pelo aumento do acesso à educação universitária pelas classes econômicas menos favorecidas. Nossos resultados indicam que 27% dos participantes trabalham, e entre eles somente 8% trabalham na mesma área de estudo. Já os outros 19% dos estudantes laboram em áreas distintas à sua área de formação.

Os dados obtidos indicam que três dos participantes (8%) têm uma renda inferior a um salário-mínimo, 11 estudantes pesquisados (30%) declararam ter uma renda de até um salário-mínimo, 14 estudantes (38%) disseram possuir uma renda de até dois salários-mínimos. Assim, podemos notar que 76% dos estudantes estão situados na classe social “E” (Até 2 SM), segundo o critério utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) no Censo Nacional, baseado

no número de salários-mínimos. Prosseguindo a análise, ainda considerando esse mesmo critério, três estudantes (8%) afirmaram ter uma renda de três salários-mínimos e seis (16%) estudantes responderam que têm uma renda de mais de três salários-mínimos. Portanto, temos 24% dos estudantes situados na classe social “D”. Entre os participantes de nossa pesquisa, nenhum se enquadra nas classes sociais “A” (Renda acima de 20 salários-mínimos), “B” (Renda de 10 a 20 salários-mínimos) nem “C” (Renda de 4 a 10 salários-mínimos), o que indica que os estudantes do primeiro semestre de Pedagogia da UEFS são pessoas com baixa renda econômica.

Em relação à situação de moradia, entre os alunos pesquisados, 25 (68%) afirmaram que moram com pais e/ou irmãos; 6 (16%) residem com esposo ou companheiro, 2 (5%) moram com amigos, 1 (3%) estudante reside com filhos e 3 (8%) dos colaboradores da nossa pesquisa moram com outros familiares. Dessa forma, em síntese, os resultados indicam que 95% dos participantes de nossa pesquisa moram em companhia de familiares, enquanto 5% residem com amigos. Inferimos, assim, que, se nenhum pesquisado mora sozinho, os estudantes não dispõem de independência econômica ou talvez emocional para residirem sozinhos nesse momento de suas vidas.

Os participantes de nossa pesquisa estão distribuídos geograficamente da seguinte forma: 29 (78%) estudantes moram na mesma cidade onde estudam, enquanto 8 (22%) residem em outras cidades, localizadas entre 30 a 85 quilômetros da universidade que os sujeitos pesquisados frequentam. Os resultados evidenciam o esforço desses estudantes que moram distantes da UEFS para assistirem as aulas e cumprirem as atividades vinculadas à sua formação acadêmica.

Em relação à formação educacional anterior, encontramos que 30 (81%) estudantes provenientes da rede pública, 4 (11%) oriundos da rede privada e 3 (8%) estudaram uma parte na rede pública e outra na rede privada. Notamos que tais resultados se relacionam com os dados do Censo Escolar, ao indicarem que a rede pública de ensino agrega 84,8% da matrícula da Educação Básica, enquanto a rede privada matricula 12,2%.

Todos esses dados coletados e aqui expostos nos ajudam a confirmar que os estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia da UEFS são provenientes de classes desfavorecidas economicamente. Não por acaso, a maioria dos estudantes que buscam os cursos socialmente mais privilegiados têm entrado na universidade pública quase exclusivamente mediante o sistema de cotas. Assim, concordamos com Bourdieu (*apud* NOGUEIRA; CATANI, 1998, p. 55), quando afirma que “[...] indivíduos de meios sociais diferentes estão

desigualmente destinados desde o nascimento”. Portanto, continuam os autores, as chances dos estudantes das camadas populares são 40 vezes menos fortes para alcançar a universidade do que aqueles provenientes das camadas superiores.

Em relação aos resultados das questões relacionadas ao aspecto cultural de nossos participantes, como a leitura de livros, assistência ao cinema, teatro, concertos ou exposições de arte, além da aprendizagem de uma segunda língua, descobrimos que no relativo à leitura de livros 27 estudantes (73%) leram mais de um livro no último ano, 7 participantes (19%) leram um livro e 3 alunos (8%) leram menos de um livro neste ano. Embora a maioria dos participantes afirmasse ter lido mais de um livro no último ano, consideramos muito representativo os 27% que admitiram ter lido somente um livro ou até menos de um. Nesse contexto, devemos lembrar que o professor das primeiras séries tem a responsabilidade de incentivar em seus alunos a prática da leitura como meio de acesso aos bens culturais. Os dados coletados não explicitam se aqueles que leram um ou mais de um livro, fizeram a leitura relacionada com as atividades curriculares ou com o lazer. Como vimos anteriormente, é importante o enriquecimento da cultura por parte dos estudantes em formação, uma vez que tais sujeitos, enquanto professores futuros, poderão ajudar as crianças a ampliarem o acesso aos bens culturais, de modo a se tornarem leitores mais críticos da sua realidade, com vistas à necessária transformação social.

Em relação à assistência ao cinema dos participantes da nossa pesquisa, 21 estudantes (57%) não assistiu a filmes no último ano, os outros 16 (43%) afirmaram ter ido ao cinema no último ano. Entre os estudantes que declararam assistir a filmes, 13 (35%) disseram que assistem entre 1 e 3 vezes, 1 (3%) assistiu entre 4 a 6 vezes e 2 (5%) assistiu mais de 7 vezes. O exposto anteriormente indica que mais da metade dos estudantes deixaram de ampliar seu capital cultural e de lazer, uma vez que não assistiram a filmes nos cinemas disponibilizados pelas cidades onde moram, na cidade onde se localiza a universidade onde estudam ou mesmo na capital do estado.

Em relação à assistência ao teatro, concertos e a exposições de arte, os resultados da nossa pesquisa mostram uma quantidade de 84% dos estudantes do primeiro semestre do Curso de Pedagogia que não frequentaram teatro, concerto ou exposição de arte no último ano. Dos estudantes que afirmaram sua ida ao teatro, concerto ou exposição de arte, 13% afirmaram ter assistido entre 1 e 3 vezes e 3% assistiram entre 4 e 6 vezes nos últimos 12 meses. No item para informar se assistiu 7 ou mais vezes, não tivemos nenhuma resposta.

No aspecto relativo à aprendizagem de uma segunda língua, os resultados indicam que dos participantes, 84% dos estudantes do primeiro semestre de Pedagogia da UEFS não falam nem estudam outra língua diferente ao Português, enquanto 15% informaram que estudam alguma língua estrangeira, mas admitiram ainda não ter fluência nessa língua. Esses resultados indicam que poucos participantes têm algum acesso a informações e interações interculturais com instituições e pessoas de outras nacionalidades, sendo que os países que fazem fronteira com o Brasil são de língua espanhola, embora a região Nordeste onde habitam, evidentemente, está situado há quilômetros da fronteira, o que influencia o pouco contato com estrangeiros.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos dados obtidos na pesquisa, cujos resultados apresentamos neste trabalho, em relação aos estudantes ingressantes do Curso de Pedagogia da UEFS, encontramos que eles, em sua grande maioria são jovens com idade variando entre 16 e 25 anos. Apenas um estudante da turma é do sexo masculino, confirmando que se trata de uma profissão predominantemente feminina, solteira e não trabalha; entre os que trabalham, apenas três estão na área da educação. As demais atuam no comércio ou em outras áreas. A renda familiar, em média, corresponde a até dois salários-mínimos (enquadrada na classe social “E”). A maioria dos estudantes mora com pais ou parentes, sua formação anterior foi feita em escola pública, o que lhes possibilitou a entrada na universidade pelo sistema de cotas, o que permite que grande parte das camadas populares que estava fora da universidade, como povos indígenas, afrodescendentes, quilombolas e pessoas provenientes de escolas públicas possa adentrá-la, mesmo que para fazer um curso, cuja profissão ainda seja desprestigiada socialmente no Brasil.

Os dados evidenciaram, também, que embora a maioria viva na mesma cidade onde estuda, há uma quantidade significativa de estudantes que moram em cidades localizadas entre 30 a 85 quilômetros de distância da universidade, fazendo com que gastem muitas horas que seriam dedicadas aos estudos no deslocamento para tais localidades. Consequentemente, vale acrescentar, os estudantes chegam na sala de aula cansados, estressados pela falta de segurança dos transportes públicos e das estradas, chegando a sofrerem assaltos e até acidentes automobilísticos o que torna o que provoca medo e até pânico em muitos estudantes.

Em relação ao aspecto cultural, encontramos apenas um estudante que leu mais de um livro, foi ao cinema, teatro, concerto ou exposição de arte durante o último ano. Além disso, apenas três educandos declararam que fala ou estuda alguma língua estrangeira. Foram poucos os que tiveram acesso às obras culturais, como, por exemplo, frequência a museus, concertos

ou teatros. Acrescentamos que a cultura do meio onde vivem, como o uso da língua, tem uma relação direta com a origem social, de modo que se constitui como um obstáculo cultural dos mais graves e insidiosos para o sucesso escolar. Nas palavras de Bourdieu (*apud* NOGUEIRA; CATANI, 1998, p.55).

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês [...] não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom-gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” dessa classe.

Tais características culturais são preocupantes e apontam que a instituição formadora precisa incluir no currículo meios necessários à ampliação da cultura de tais sujeitos, desde a formação de leitores até o contato com a diversidade cultural disponível, tendo em vista que eles como professores necessitarão, também, assumir o compromisso político de formar leitores críticos, desenvolver o gosto pela literatura nas suas diferentes formas, de modo a ampliar a sua visão de mundo, alargando seu conhecimento das artes, de modo a usar tal instrumental como meio de transformar a realidade precária na qual se encontram muitos brasileiros, especialmente aqueles que estudam nas escolas públicas.

Vale acrescentar que este perfil corresponde aos estudantes do primeiro semestre, de modo que não descartamos a possibilidade de que suas características socioeconômicas e culturais possam mudar no decorrer dos próximos semestres do Curso de Pedagogia, o que é papel primordial da universidade em parceria com outras instituições culturais da cidade e do estado da Bahia, como o Centro Universitário de Cultura e Arte da UEFS (CUCA), o Serviço Social do Comércio (SESC) e a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT), cuja função é oferecer peças de teatro, filmes, livros, vídeos e shows musicais gratuitos à população, de modo a ampliar a cultura das futuras professoras, facilitar o acesso ao patrimônio cultural e nacional, a fim de que conquistem o direito de ler, de participar de diferenciadas manifestações artísticas, de escolher o que assistir e, sobretudo, ter direito a condições dignas de vida e desenvolver a sua consciência crítica, para transformarem a realidade, caso seja necessário.

## **THE PROFILE OF STUDENTS ENTERING THE PEDAGOGY COURSE**

**Abstract:** his study presents data from the research carried out in the Postgraduate Program in Education (PPGE / UEFS), Master level. The study aimed to know the profile of students entering the Pedagogy course in 2018, in a public university in the state of Bahia. The research was qualitative and qualitative, which used as a data collection instrument a 13-item questionnaire and the analysis focused on a deeper and subjective interpretation; The research group consisted of 37 students from the first semester of the Pedagogy Course. As a result we found that the demographic characteristics of the participants indicate

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.312-.326, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6765.

a general age range between 16 and 33 years, predominantly female and single. Regarding socioeconomic characteristics, the results show that students come from economically disadvantaged classes and have restricted access to the cultural goods available to society. Thus, the function of the university, in partnership with other public bodies, is to offer free cultural goods to this population, in order to broaden the culture of future teachers, to facilitate access to the cultural and national heritage, so that they gain the right to read, to participate in different artistic manifestations, to choose what to watch and, above all, to have the right to decent living conditions and to develop their critical conscience, to transform reality if necessary.

**Keywords:** Profile, Incoming Students, Pedagogy Course.

## **EL PERFIL DE LOS ESTUDIANTES QUE INGRESAN EN EL CURSO DE PEDAGOGIA**

**Resumen:** Este estudio presenta datos de la investigación llevada a cabo en el Programa de Postgrado en Educación (PPGE / UEFS), nivel Master, cuyo objetivo fue conocer el perfil de los estudiantes que ingresaron al curso de Pedagogía en 2018, en una universidad pública del estado de Bahía. La investigación fue de tipo cualitativo, que utilizó como instrumento de recopilación de datos un cuestionario de 13 ítems y el análisis se centró en una interpretación más profunda y subjetiva; El grupo de investigación consistió en 37 estudiantes del primer semestre del Curso de Pedagogía. Como resultado, encontramos que las características demográficas de los participantes indican un rango de edad general entre 16 y 33 años, predominantemente femenino y soltero. En cuanto a las características socioeconómicas, los resultados muestran que los estudiantes provienen de clases económicamente desfavorecidas y tienen acceso restringido a los bienes culturales disponibles para la sociedad. Por lo tanto, la función de la universidad, en asociación con otros organismos públicos, es ofrecer bienes culturales gratuitos a esta población, con el fin de ampliar la cultura de los futuros docentes, para facilitar el acceso al patrimonio cultural y nacional, de modo que obtengan el derecho a leer, participar en diferentes manifestaciones artísticas, elegir qué ver y, sobre todo, tener derecho a unas condiciones de vida dignas y desarrollar su conciencia crítica, transformar la realidad si es necesario.

**Palabras clave:** Perfil, Estudiantes ingresantes, Curso de Pedagogía.

## **REFERÊNCIAS**

ABRUCIO, F. L. **Formação de professores no Brasil**. Diagnóstico, agenda de para a mudança. São Paulo: Editora Moderna, 2016.

ARENDDT, H. A crise na educação. **Partisan Review**, 25, 4, 1957, pp. 493-513.

BURGARELLI, C. G.; CARMO, D. S. Formação e desejo de ser professor. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 3, p. 890-899, set/dez. 2017.

CANDAU, V.M.(Org.) **Didática: Tecendo/Reinventando saberes e práticas**. 1º edição. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2018.

CARISSIMI, A. C. V.; TROJAN, R. M. A valorização do professor no Brasil no contexto das tendências globais. **Jornal de Políticas Educacionais**, n. 10, ago./dez. 2011, p 57-69.

GADELHA, R. M. A. F. Educação no Brasil: Desafios e Crise Institucional. **Revista Pesquisa & Debate**. São Paulo. v. 28, n. 1 (51). Jul./2017.

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.312-.326, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6765.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. (Org.). **Professores do Brasil: impasses e desafios.**+ Brasília: UNESCO, 2009.

GATTI, B. A.; NUNES, M. M. R. (Org.) **Formação de Professores para o ensino fundamental:** estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2009. v. 29.

GENTIL, A. M. F.; VALIM R. A. Políticas Públicas de Educação e (Des)Valorização dos Profissionais do Magistério: Breves Considerações. CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 4, Porto, Portugal, abril 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar 2017.** Notas Estatísticas. Brasília, 2018.

\_\_\_\_. **Censo da educação superior.** Divulgação dos principais resultados. Brasília, 2018.

\_\_\_\_. **Censo da Educação Superior.** Notas Estatísticas 2017. DEED. Brasília, 2018.

LIBÂNEO, J. C.; PIMENTA, S. G. Formação de Profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação e Sociedade**, ano xx, n. 68, dez. 1999.

NASCIMENTO, M. D. G. A; VELENTIN, J. S. A percepção de professores acerca das condições de trabalho e sua relação com a aprendizagem profissional no início da carreira. **Reunião No 37 de ANPED GT04-4439**, Florianópolis, out. 2015.

NOGUEIRA, M.A.; CATANI, AFRÂNIO.(Org.). Pierre Bourdieu. Escritos em Educação. Petropolis: Editora Vozes, 1998.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor.** 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

\_\_\_\_. (Org.). **Os professores e sua profissão.** 2. ed. Lisboa: Porto Editora, 2014.

OLIVEIRA, A.C.M..A Historia da Mulher no magistério no século XX: Vocação e representação. **IV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-CONEDU**, Joao Pessoa, Paraíba, Nov. 2017.(Comunicação oral).

OLIVEIRA, V. Maior desafio é tornar a profissão de professor intelectualmente mais atrativa. Disponível em: <http://porvir.org/maior-desafio-e-tornar-a-profissao-de-professor-intelectualmente-atrativa/>

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002

PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANZ, M. O. G; SÁNCHEZ, J. J. M. El futuro de la formación del profesor universitario. **REIFOP.** Universidad de Murcia, 2010. Disponível em: <<http://www.aufop.com/>>

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.312-.326, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6765.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente. Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 7. ed., Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

TAVARES DE SÁ, T. ; ALVES NETO, F. R. A docência no Brasil: História, obstáculos e perspectivas de formação e profissionalização no século XXI. **Revista Tropos**, Rio Branco, AC, v. 5, n. 1, jul. 2015.

WEBER, D. M.; SCHWERTNER, S. F. Ser professor: reflexões sobre a formação e a docência na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 3. p. 950-965, São Paulo, 2017.

ZABALZA, M., CERDEIRIÑA, M. **Profesores y profesión docente: entre el “ser y el estar”**. Madrid: Narcea, 2012.